

CAMINHO DE PAULO FREIRE 61 ANOS DEPOIS PARA ANGICOS-RN – A ALFABETIZAÇÃO EM "CÍRCULOS"?

Elias Canuto Brandão[1]

Círculo de Saber 03: Conhecimento, saberes e práticas educativas nos movimentos sociais e comunidades tradicionais

Resumo: O artigo trata de experiência junto a alfabetizados dos "Círculos de Cultura" projetados por Paulo Freire, no ano de 1963, em Angicos-RN, intitulado de "Caminho de Paulo Freire 61 anos depois para Angicos-RN – a alfabetização em "círculos"? Objetiva descrever três dias de diálogos com alfabetizados, membros da equipe da Secretaria de Educação e coordenadora da Casa da Cultura Paulo Freire, do projeto de 40 horas, onde participaram os trabalhadores da área rural e do povoado. A metodologia foi construída no decorrer dos três dias das prosas. Por fim, contatou-se que a história está se esvaindo, pois restam menos de 15 pessoas vivas que participaram da alfabetização nos "Círculos de Cultura", concluindo que a alfabetização não necessariamente ocorreu em "círculos".

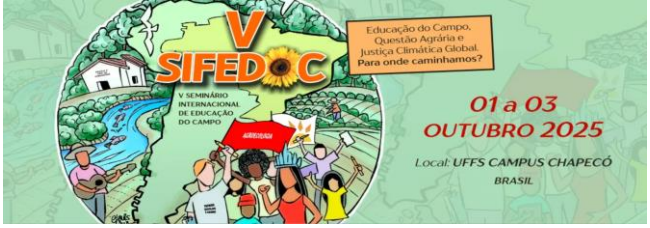
Palavras-chave: Paulo Freire; Círculos de Cultura; Alfabetização.

Introdução

"Caminho de Paulo Freire 61 anos depois para Angicos-RN – a alfabetização em "círculos", foi gestado nas férias de janeiro de 2024, enquanto viajava entre Maringá-PR e Recife-PE, pois no ano anterior, mesmo com as passagens aéreas compradas, não havia me definido para onde ir após o pouso na capital pernambucana. Algumas praias eram certezas. Angicos, no Rio Grande do Norte, era parte do meu querer pelo fato dos estudos e a pesquisa sobre as contribuições de Paulo Freire para a Educação dos povos do Campo.

Embarco em Maringá dia 16 e no avião, antes do desembarque em Recife, tomo a decisão: ir a Angicos-RN. No aeroporto sou informado que havia metrô para a Rodoviária. Nesta, embarco no ônibus, às 21 horas, para Mossoró-RN. No trajeto converso com o motorista e descubro ser possível descer no trevo de Angicos, desembarcando às 06 horas do dia 17.

[1] Docente do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Paranavaí. Graduado em História pela Universidade Estadual de Maringá (UEM). Mestre em Educação pela Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP). Doutor em Sociologia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP – Campus de Araraquara-SP). Coordenador do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação na Diversidade do Campo (GESPEDIC-UNESPAR-CNPq). Integrante da Articulação Paranaense por uma Educação do Campo (APEC-PR). E-mail: eliasbrandao.unespar@gmail/com.



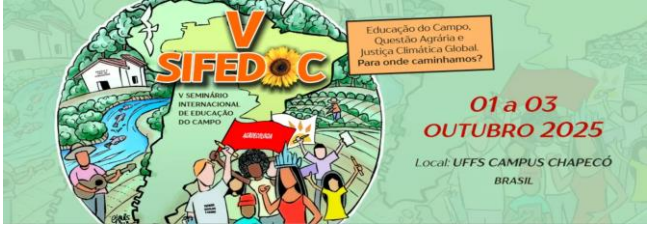
Durante o trajeto, após clarear o dia, observo a natureza, o serrado, a caatinga, os caminhos dos rios, córregos e riachos sem água, com areias e pedras expostas, sinal de que há tempo não chovia. Não vi gado, mas vi carneiros e ovelhas, além da caatinga verde, indicando haver água subterrânea abastecendo as raízes. Vi mandacarus mais altos que árvores, mostrando porque são os reis da caatinga.

Em Angicos, fiquei três dias conversando com educadores e alfabetizados do projeto de Paulo Freire, momentos que relembraram as 40 horas de aulas, onde participaram trabalhadores, na sua maioria da área rural. Conheci a Casa da Cultura Paulo Freire, escolas e a cadeia, alguns locais onde funcionaram turmas de alfabetização, e conheci um assentamento da reforma agrária. Foram dias enriquecedores.

Angicos foi a cidade onde Freire desenvolveu o projeto de alfabetização “Círculos de Cultura”, com a não repetição de sílabas ou palavras, onde reinventou o alfabetizar a partir de palavras geradoras, do diálogo, da prosa, trocando experiências junto a quem está ali para aprender a partir da realidade da vida e da labuta do trabalho pesado, penoso, árduo, em sol escaldante. Com o alfabetizar, Freire proporcionou o desenvolvimento da consciência crítica e política, visando a transformação social.

Em 1963, Angicos era um povoado com uma alta taxa de trabalhadores analfabetos, que dependiam do trabalho do campo, desconhecido no mapa. Naquele ano, Freire organizou uma equipe de jovens educadores e todos partiram para o povoado visando contribuir com a alfabetização dos trabalhadores que quisessem aprender. Carlos Lyra e Carlos Rodrigues Brandão – confirmados por alfabetizados que dialoguei – registram que foram 300 trabalhadores alfabetizados em “40 horas de esperança” (Lyra, 1996; Brandão, 1983).

Sou leitor e estudioso dos pensamentos e práticas de Freire, com respeito e admiração e já trabalhei com alfabetização de jovens e adultos assalariados rurais temporários, coordenando um projeto na Região Norte Novo e Noroeste do Paraná, em 20 municípios, com 60 turmas, intitulado de “Projeto de Educação do Assalariado Rural Temporário (PEART)” e com a disciplina de Fundamentos de Educação de Jovens e Adultos (EJA), na Universidade. Conhecer o então povoado e hoje município de Angicos, foi o coroamento dos trabalhos. Assim, para o feito, ao chegar na cidade, sem uma metodologia pré-determinada, a construí no eito, no fazer fazendo.



No primeiro dia reconheci a cidade e a Secretaria de Educação. No segundo e terceiro dia conheci projetos, a Casa da Cultura Paulo Freire e pessoas alfabetizadas dos “Círculos de Cultura”. Intrigou-me dialogar com pessoas nas ruas e alguns não terem Freire familiarizado e outros terem apenas informações. Alguns que conversei ficaram me olhando como se duvidassem de sua existência e do projeto de alfabetização em 1963, de que a cidade havia sido palco de um dos maiores projetos de educação de jovens e adultos do mundo, levando-me a lembrar dos ataques que Freire tem sofrido, onde tem sido amado por muitos e odiado por outros tantos (Custódio, 2021).

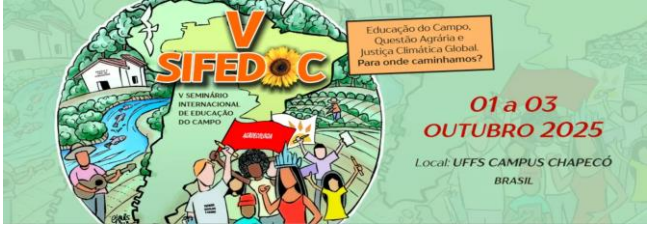
Intrigou-me perceber não haver investimento em Educação de Jovens e Adultos por parte da gestão pública, mesmo havendo analfabetismo na cidade. Nem mesmo o Colégio em que ocorreu a última aula do projeto, Colégio este que recebeu o Presidente da República, João Goulart e o governador do Rio Grande do Norte, não tinha turma de EJA em funcionamento.

Enfim, destaco que este artigo não tem o objetivo de seguir normas e técnicas quanto ao rigor científico de uso de autores e citações, mas expor, discutir e registrar a história viva de alguns daqueles que vivenciaram a alfabetização direta com Paulo Freire e sua equipe, divulgada como método Paulo Freire, apesar de que Freire não se agradava de chamar a alfabetização desenvolvida como método Paulo Freire.

O primeiro dia de Angicos

Do trevo ao centro, sigo a pé observando as moradias, as ruas em paralelepípedos, asfalto ou terra. A terra em arenito, branquinha e as casas, na sua maioria, simples, algumas em barro batido e muitos terrenos baldios. Os motoqueiros, na sua maioria, não usavam capacetes. A polícia que passava pelos motoqueiros, os cumprimentavam sem intervir. A impressão foi de que após deixarem as fardas, seriam eles próprios a não respeitar a lei, pilotando sem capacete e com até três a quatro pessoas em uma mesma moto.

Após me acomodar na “Pousada Conforto do Sertão” próximo à rodoviária, Casa da Cultura Paulo Freire e prefeitura, saí para conhecer a cidade. Ao meio-dia, o sol era escaldante, cozinhava quem andava nas ruas, era um sol para cada um. Após almoçar no Mercado Municipal, ao lado da Igreja, na praça central, deparei-me com uma



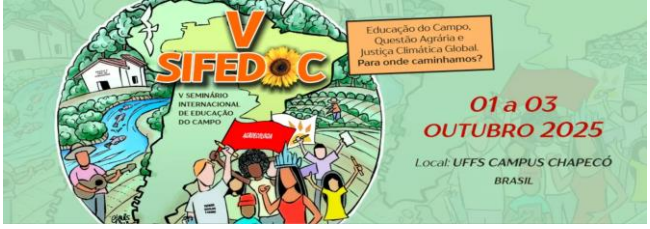
cidade sem vida. Tive a impressão que não estava em Angicos. Comerciantes e clientes param entre 12 e 15 horas, devido ao horário do sol muito quente, à exceção das farmácias e do mercado. Tempo do nada. Um silêncio inimaginável. Não se via veículos, ciclistas ou motoqueiros transitando, nem mesmo a polícia. A imagem fez lembrar a pandemia, em 2020, quando todos nos hibernamos devido a Covid-19. Ao retornar para o hotel, percebi que a recepção também estava fechada e por isso, cada hóspede recebe cópia da chave para devolver ao fechar as diárias.

Após às 15 horas fui conhecer a Secretaria de Educação de Angicos onde rolou uma prosa, literalmente em círculo com a equipe multidisciplinar, professoras de diferentes áreas (letras, história, pedagogia, tecnologia, matemática), onde descreveram a respeito do que sabiam sobre Paulo Freire.

Algumas eram parentes de ex-alunas e alunos dos “Círculos de Cultura” e informaram que menos de duas dezenas dos que estudaram em 1963 estão vivos. Disseram que os alfabetizados têm sido procurados por professores, pesquisadores ou cineastas do Brasil e de outros países para entrevistas, assim como por grupos de estudantes de escolas de várias partes do nordeste brasileiro que se dirige a Angicos para conhecê-los, prosear e documentar histórias.

Constatei que apesar do trabalho desenvolvido por Freire e da fama de Angicos, o analfabetismo continua alto no município, evidenciando que as gestões públicas não investiram na EJA nas últimas décadas. Perguntei a respeito dos métodos de alfabetização e disseram ser tradicional, ou seja, bancário e não problematizador, crítico e político. Não alfabetiza.

Na prosa, comentei: se o método fosse próximo ao de Freire, da educação infantil à adulta, a aprendizagem poderia ser mais rápida e diferente? Não souberam dizer. Uma olhou para a outra e ficaram sem resposta. E então respondi: entendo que além de ser mais rápida a alfabetização, possibilitaria que desde a educação infantil conhecessem para além da reprodução das letras, sílabas e palavras. Aparentemente concordaram e deixaram transparecer que uma das esperanças é a contribuição que a Universidade Federal Rural do Semi-Árido – Campus Angicos (UFERSA), criada em 2008, por meio do Curso de Pedagogia, possibilitando formação e apoio à educação, sobretudo com a criação do curso de Pedagogia e do Memorial Paulo Freire. A



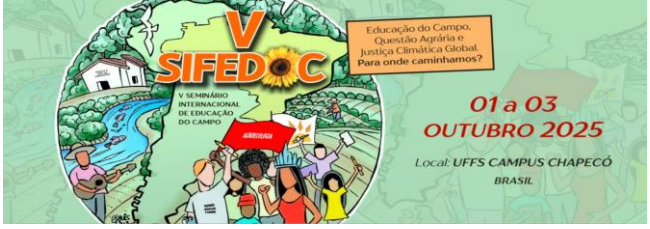
esperança é que sejam pensadas novas formas da educação em Angicos, da educação infantil à EJA, mas que, naquele momento, estava somente na esperança. Disseram que havia uma componente da equipe que é filha de Eneide, a criança de 06 anos que em 1963 foi alfabetizada ao acompanhar os pais nas aulas dos “Círculos de Cultura”, mas naquela tarde estava acompanhando a mãe adoentada.

O segundo dia em Angicos – Encontros com ex-alunos

No segundo dia, logo que saí pelas ruas, deparei-me com a Casa da Cultura Paulo Freire. Vejo a porta semiaberta e adentro. Sou recebido por Silvana, artesã que convida a conhecer a Casa e se apresenta como coordenadora, dispondo-se a desenhar Paulo Freire em uma camiseta para que eu adquira. Começa a pintá-la na minha frente, solicitando-me uma frase para escrever na camiseta. A frase foi: "Ninguém liberta ninguém. Ninguém se liberta sozinho". Mostrou-me a Casa da Cultura e tudo que havia em exposição.

Enquanto conversávamos, adentra um senhor e Silvana o apresenta: "Ele foi um aluno de Paulo Freire". Nos cumprimentamos e dialogamos sobre os anos de 1963. Algumas imagens deste encontro foram gravadas e fotografadas por Silvana. Apresentou-se como Paulo da Carroça, Paulo Cavalgadeiro, com 81 anos. Disse que Paulo Freire não deu aulas, pois corria pra lá e para cá, passando nas turmas. Disse que quem os ensinavam eram os “estagiários” que foram com ele. Que era uma equipe grande. Muito humanos, jovens preocupados, atenciosos. Queriam que aprendessem.

Perguntei a respeito da idade dos participantes e Paulo da Carroça disse que eram de várias idades, em muitas turmas e que eram provenientes de Angicos e do campo não muito longe. Mas não sabia quantas turmas eram. Lembrou que o programa era de 40 horas e que ao terminarem aquelas horas, ocorreu a formatura. Perguntei se aprenderam e disse que sim. Falou que ensinavam com palavras do dia a dia deles e que lembrava de muitas palavras, como "tijolo”, “telha”, “areia”, “barro”, “chibanca”, “picareta”, “belota”, “gaivota". Disse que eram palavras conjugadas de três e quatro sílabas. Paulo da Carroça, nasceu em 17 de setembro de 1942, tinha 21 anos na época dos “Círculos de Cultura” e hoje é assentado. A turma dele era do Alto da Esperança. Na parte da tarde, retornei à Secretaria da Educação e dialoguei com

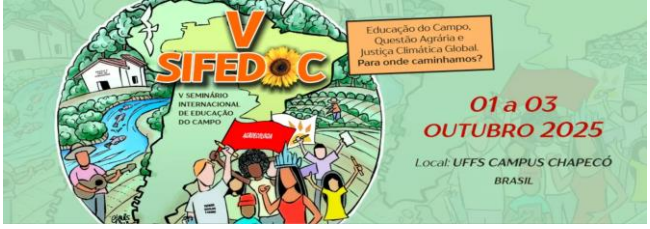


Lindjane Melo, filha de Eneide. Nossa conversa ocorreu na sala multidisciplinar, enquanto as demais professoras da equipe trabalhavam ao lado, ouvindo a prosa. Contou-me que sua mãe era criança, com 06 anos, e acompanhava sua vó e vô nas aulas de alfabetização, todas as noites, sendo alfabetizada em 40 horas juntamente com os adultos.

Lindjane disse que sua mãe escreveu tudo que lembra daquele período das aulas do projeto da equipe de Paulo Freire e ela (Lindjane) organizará os textos para publicar. Disse à Lindjane que havia perguntado às colegas de trabalho dela a respeito da consciência social do povo angicano sobre o trabalho desenvolvido por Freire, mas tiveram dificuldades em pautarem. Lindjane lembrou que no geral, é uma memória esquecida pela população angicana. Aventou que pela Secretaria de Educação realizaram um trabalho nas escolas com a educação básica para relembrar a importância do trabalho realizado por Freire, em Angicos, e observaram ter surtido efeito. Hoje ao menos as crianças têm mais informações.

Acordada com as colegas da Secretaria, levou-me para conhecer uma das alfabetizadas, dona Maria Gildenora Costa de Araújo, conhecida como Maria de Ferreiro, costureira, que nasceu dia 16 de novembro de 1946. Maria de Ferreiro disse que aprendiam a partir de palavras que utilizavam no dia a dia, a exemplo de “belota”, “tijolo”. De repente, ela e Lindjane se viraram para mim e perguntaram: “você sabe o que é “belota”? Respondi ser rede. Como havia uma rede estendida na sala, ao nosso lado, se levantaram e foram olhar se na rede havia “belota” e descobriram que sim. Aí me apresentaram que belota não é a rede em si e nem a renda que faz parte das laterais dela, mas um ponto específico que dá acabamento à rede. Maria de Ferreiro já não se lembrava de muitas coisas que aprendeu nas aulas do “Círculo” e no momento da prosa estava com 78 anos. Perguntei se lembrava como era Paulo Freire. Ela disse que era barbudo e feinho. E riu.

Ao anoitecer, conheci a terceira alfabetizada, tia de Lindjane, dona Francisca de França Pires, nascida em 16 de setembro de 1949. De imediato pediu que não tirasse foto e que a conversa não fosse filmada, desculpando-se que estava toda descabelada. Apenas dialogamos. Francisca disse que foi alfabetizada pela monitora Valquíria. Disse que a palavra "povo" lhe marcou bastante. Quando a Valquíria escreveu a palavra “povo” no quadro, ela perguntou o que era aquela palavra e a



Valquíria explicou ser gente, bastante gente formando uma sociedade e que nunca esqueceu aquelas palavras e a explicação.

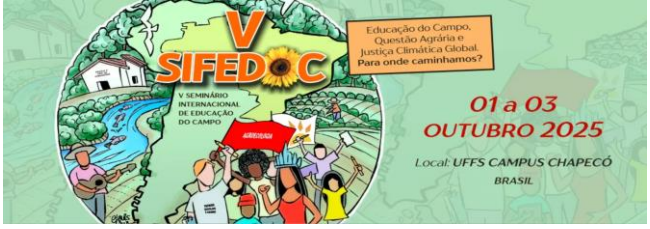
Disse que já não lembrava muito de como eram as aulas, mas que gostava muito, pois eram noites diferentes e eram várias turmas juntas para assistir filmes projetados. Disse que após os filmes, ocorriam diálogos sobre eles e que era uma festa quando os encontros ocorriam, parecia procissão, muitos estudantes, todos animados, divertidos e não mais se lembrava das discussões a respeito das palavras geradoras. Lembra que as escreviam e liam, escrevendo até por várias vezes para aprender. Enquanto conversávamos, sugeri à Lindjane que poderiam localizar os pontos onde funcionaram turmas, colocando uma pedra decorativa com as informações de que, em 1963, naquele local funcionou uma turma de alfabetização, tornando-se registro histórico. Sugestão semelhante fiz à Silvana, da Casa da Cultura Paulo Freire.

O terceiro dia de encontros com ex-alunos em Angicos

Na manhã do terceiro dia caminho até próximo ao Campus da Universidade, passando por três locais onde Paulo Freire e sua equipe trabalharam, entre eles o local onde dormiram durante a execução do projeto e a cadeia. Conheci o açude e a Escola Estadual José Rufino, onde ocorreu a 40ª (quadragésima) aula, o fechamento do projeto. Nesta, recebido pelo vigia, apresentei-me a fui apresentado à vice-diretora e pedagoga Regineide. Disse-me que o local agora é Escola Estadual, mas em 1963 era Grupo Escolar. Falou que a quadragésima aula naquela escola teve a presença do governador do Rio Grande do Norte e do presidente da República, João Goulart.

Apresentou-me a sala em que a cerimônia foi realizada e se ofereceu para registrar minha presença na escola, na sala de aula e na escadaria onde Paulo Freire tirou uma das mais famosas fotos que roda o mundo. Perguntei a respeito dos feitos da EJA na atualidade na Escola e a vice-diretora disse que em 2023 somente teve uma turma de EJA no município, funcionando naquela escola. Como não estava para entrevistar e sim para conhecer, não me aprofundei nos motivos e me despedi.

Após o almoço a coordenadora da Casa da Cultura, Silvana Nunes articulou conhecer o Assentamento P.A Bonfim, onde o alfabetizado Paulo da Carroça é assentado. Fomos eu, Silvana, a presidente da Associação do Assentamento no carro dela e um



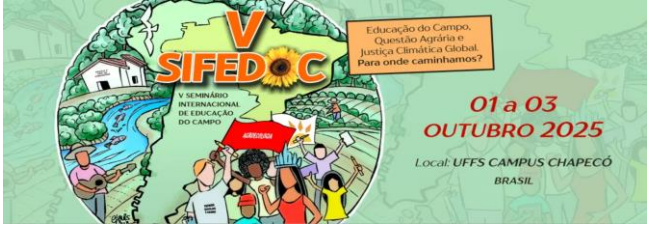
assentado dirigindo o veículo. No trajeto, observei que as terras da região são muito secas, areia branca, falta de água, caatinga e pedras. Muita poeira.

No assentamento, soube existir 45 famílias, organizadas em agrovila, mas falta água para o povo, para a plantação, gado e carneiros. Devido à falta d'água, os animais e as plantações agonizam e morrem. Solicitaram-me sugestões sobre o que fazer de diferente no Assentamento para obterem conquistas. Descobri que não faziam parte do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Era um assentamento particular, organizado pelo Incra, sem história de luta. Não sabiam dizer como os primeiros trabalhadores chegaram nas terras há mais de 20 anos e que também não tinham conhecimento a respeito do MST.

Sugeri que fizessem parceria com alguns cursos da Universidade do Semi Árido, em Angicos, a exemplo dos cursos de Agronomia e Pedagogia, visando estudos sobre a qualidade da terra, falta d'água, educação, a melhora da produção. Diante da terra fraca e arenosa, trabalhassem em cooperativa/associação para sobreviverem sem o sufoco que enfrentam. Realizassem levantamento para saber as demandas dos assentados, a exemplo da Educação de Jovens e Adultos, inclusive celebrando projetos de parceria entre Universidade e Associação, o que melhoraria a qualidade de vida dos assentados e do assentamento em si.

De volta a Angicos, conheci Eneide – a criança alfabetizada aos 06 anos ao acompanhar os pais nas aulas dos "Círculos de Cultura". A filha de Eneide, Lindjane, organiza a mãe para conversar comigo. Apresento-me a Eneide e digo que estava curioso para conhecê-la e saber dela, hoje aquela mulher, mas que em 1963, nas aulas de alfabetização, era criança acompanhando a mãe e o pai, quando foi alfabetizada precocemente. E perguntei: como pode?

Eneide abriu um sorriso e disse que acompanhava o pai e mãe e gostava demais das aulas. Perguntei sobre o que ocorreu com ela por estar com dificuldades para caminhar e ela disse que está com problemas na coluna e que havia passado por duas cirurgias e que tem fé que melhorará. Lindjane brinca que ela quer chegar aos 100 anos, e ela sorri e volta à minha curiosidade sobre ela criança acompanhando os pais. Relembrou que como ela e a irmã eram crianças, os pais as levavam juntas, mas a irmã não entrava nas aulas de alfabetização, ficava brincando com outras crianças que acompanhavam os pais e crianças que moravam na vizinhança. Lembrou que via

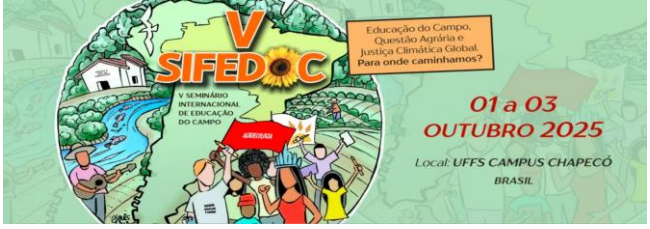


a irmã que lia e escrevia e tinha vontade de aprender, mas só tinha 06 anos e só poderia entrar na escola ao completar 07 anos e então ficava atenta às aulas que os pais participavam e no que era ensinado pela educadora Valquíria. Disse que Valquíria e os demais monitores/educadores, antes do início do projeto, foram até Angicos e fizeram um levantamento de palavras que os trabalhadores utilizavam no dia a dia no povoado e na zona rural, do que faziam, do trabalho e produção. Utilizaram estas palavras como palavras-chave, como temas geradores durante as aulas dos “Círculos”, explorando-as durante as aulas, resultando na alfabetização dos que estudavam e na alfabetização dela.

Recorda-se que os alfabetizandos eram convidados a irem na lousa a escrever. Disse que muitas aulas eram por imagens projetadas por Valquíria na parede. Exemplificou a imagem de um “tijolo” e um homem o fabricando, assim como a imagem de uma mulher confeccionando “belota”. A partir das imagens das palavras e das pessoas, a monitora Valquíria pacientemente perguntava, provocava, dialogava e dali os participantes iam aprendendo por associação, comparação, compreensão, diálogo, conversas, risadas, prosas. A respeito da fabricação do “tijolo”, Eneide disse que Valquíria questionava para quem ficava o dinheiro resultado do trabalho do “tijolo” e assim tomávamos consciência sem que percebêssemos a consciência adquirida. A fala de Eneide reportou-me ao que Freire alertava em relação à consciência bancária e problematizadora (Freire, 1981).

Lembrou que todos queriam aprender nas aulas em Angicos, pois eram divertidas e ajudaria a ler uma receita, uma carta, placa... e que não via a hora de todo final de tarde se arrumar para ir, inclusive apressava os pais para se arrumarem logo. Quis eu saber se todas as turmas da época, os jovens e adultos se sentavam em círculos. Disse-me que não, que cada monitor tinha um método e que o nome “Círculos de Cultura” era o projeto de Paulo Freire e não a metodologia em sala.

Eneide disse que registrou todas suas memórias e que Lindjane já digitou e em breve organizará em livro. Que a intenção é publicar pelo Instituto Paulo Freire de São Paulo. Sugeri também a Editora Expressão Popular, pois se trata de uma relíquia histórica, de experiência vivida e contada por quem dela participou e se alfabetizou. Disse à Eneide que quero ler as memórias no formato livro. Ela e Lindjane ficaram felizes. Em seguida Lindjane a provocou a declamar parte de uma poesia que Valquíria declamou,



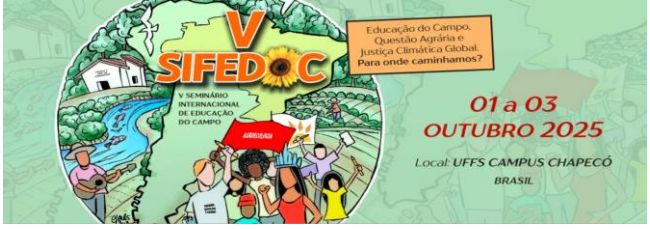
em 2014, na cerimônia dos 50 anos do projeto de alfabetização em Angicos, quando os monitores vivos, de 1963, estiveram presentes no auditório da UFERSA, em Angicos. Aproveitei a deixa a respeito dos monitores que se encontraram e quis saber de Lindjane, Eneide e Silvana quantos ex-educandos continuam vivos, visto que Paulo da Carroça havia dito serem 15. Silvana Nunes imediatamente disse serem 13. Eneide também achava serem 15 e assim iniciou uma contagem que não conferia em números, pois sempre faltava alguém.

A prosa continuou e lembrou Eneide que em uma das aulas um estudante não conseguia aprender a associar a letra "i". A Valquíria então perguntou à pessoa: quando você quer parar o burro quando está em movimento, o que você diz: ele respondeu "i". O alfabetizando sorriu e rapidamente respondeu à professora que "i" é parar o burro. Passou um tempo e Valquíria apresentou a imagem do burro na parede e perguntou aos estudantes o que significava a imagem. Rapidamente a pessoa que não entendia o significado da letra "i", respondeu: "i" professora, “o burro”, e todos caíram na risada, pois perceberam que ele continuava em dúvida a respeito do significado da letra "i". Associou burro, com o parar o burro, com a letra "i". Explicou Eneide que na região de Angicos, para-se o burro com o som "iiii", repetindo-o.

Me contou Eneide que praticou a experiência de alfabetização de Freire com crianças, adaptando o método e conseguiu êxito, indo além das repetições das palavras e vogais. Concluiu ser um método que dá certo, mas que os alfabetizadores da educação infantil não se esforçam em praticar.

Recordou-se dos tempos de 1964, meses após a conclusão do projeto “Círculos de Cultura” e disse que devido ao medo ela escondeu os materiais das aulas embaixo do colchão. Lembra que sua mãe perguntava do material e ela criança, dizia que já havia dado fim, mas a mãe e o pai não acreditaram. Um dia a mãe mexendo no colchão, encontrou os materiais e então os queimou, pois o medo era imenso e tenso. Eneide disse ter tido cinco filhas. Conheci Lindjane que por horas me acompanhou e conheci rapidamente Lindneide, que foi quem me recepcionou quando cheguei para dialogar com Eneide.

Enfim. Como antes de chegar à casa de Eneide, sabia das condições físicas dela e percebendo cansada devido sua coluna, falei que estava muito feliz por ela ter me recebido e dialogado comigo. Ela sorriu, demonstrando agradecimento e disse que



gostou de me receber e de minhas curiosidades. Despeço-me com um abraço e a incentivo, assim como a Lindjane, a publicarem as memórias.

Ajudada pela filha Lindjane, Eneide se levanta, segura o andador e sai devagar. Logo que vira em um dos cômodos da casa, olha para trás, dá um sorriso, acena e diz tchau e desaparece de minha visão, ficando a imagem de uma mulher que, quando criança, aos 06 anos, ao acompanhar os pais foi alfabetizada pelo projeto de Freire e uma das mais requisitadas para entrevista em Angicos.

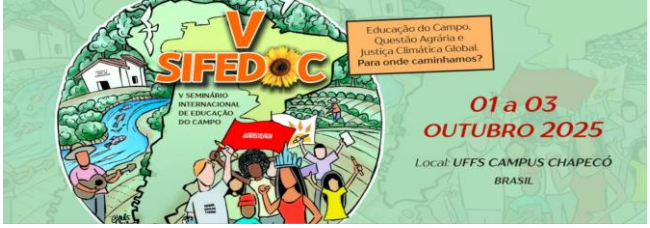
Pelo diálogo entendi que somente Eneide deu continuidade aos estudos, tornando-se professora em Angicos, inclusive realizando uma experiência de alfabetização em poucas horas com crianças. A prática de Eneide evidencia que os métodos utilizados pela educação nos municípios devem ser revistos, pois quando apenas se alfabetiza, não se conscientiza. Educação vai além da repetição do alfabeto, das vogais, das letras e palavras isoladas e descontextualizadas.

Considerações finais

No amanhecer do quarto dia, embarco para Mossoró. No trajeto vou pensando a respeito dos diálogos com os alfabetizados e com as pessoas que conheci. Durante a viagem, enquanto olhava a estrada, a caatinga e admirava a energia eólica[2], rabiscava anotações dos três dias e temia a irresponsabilidade do motorista na rodovia, que no trajeto atendeu ou fez várias ligações enquanto dirigia e em dois momentos saiu da pista, uma vez para o acostamento e uma vez adentrando a pista contrária, além de duas ultrapassagens de risco, jogando um veículo para o acostamento. Durante o trajeto, olhava e conversava com o cobrador e quando olhava para a rodovia, o microônibus já não mais estava alinhado na pista. Passou pela Polícia Rodoviária Federal em serviço e não colocou o cinto de segurança e o policial ficou olhando para o ônibus, se cumprimentaram e não foi parado, advertido ou multado.

No caminho, vi verde e vi seca. Vi carcaças de gado e vi gado mostrando os ossos. Vi rios, córregos e riachos agonizando, plantações chorando e folhas sem vida, amarelas ou caídas no chão. Vi um povo trabalhador arriscando a vida para viver,

[2] Energia gerada pela força do vento, comum no Nordeste. Observei em diferentes estados, fosse no cerrado, sertão ou litoral.



explorado pelo patrão e um povo alegre diante da seca e da falta d'água, com esperança na chuva. Ouvi o povo dizer que se tivesse água teriam tudo e que água é vida e não tinham.

Conversei com gente olhando pro céu e pedindo a Deus que fizesse chover, enquanto a seca é resultado da ação irresponsável do homem. Vi pessoas que acreditam que tudo vai mudar e que a água do Rio São Francisco chegará por lá. Senti que o receio de se posicionar politicamente era uma marca de um estrago profundo deixado pelas experiências do golpe militar de 1964 e do governo Bolsonaro que já havia se findado.

Constatei que em Angicos, a porcentagem daqueles que não votaram em Lula era alta, mesmo sendo uma cidade que se conhece como povoado em que o programa de alfabetização deu certo. Era uma cidade politicamente de direita ou centro direita em pleno 2024.

Observei que Paulo Freire é uma abstração para parte considerável dos angicanos que não vivenciaram o projeto, como se fosse fruto da imaginação de quem fala ou defende o Patrono da Educação do Brasil.

Constatei que os alfabetizados com idade avançada estão se esquecendo do que foi trabalhado pela equipe de Paulo Freire. Na prática é a história se esvaindo aos poucos, vez que dos 300 alfabetizados, restavam menos de 15 pessoas durante minha estada em Angicos, em janeiro de 2024. Aprendi nos diálogos com os alfabetizados dos “Círculos de Cultura” mais que várias leituras teóricas.

Referências bibliográficas

BRANDÃO, C. R. **O que é método Paulo Freire**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.

CUSTÓDIO. G. **Paulo Freire**: por que o pensador brasileiro mais citado no Exterior é o mais polêmico no País. 2021. Disponível em: https://mais.opovo.com.br/reportagens-especiais/paulo-freire-100-anos/2021/08/25/paulo-freire-por-que-o-pensador-brasileiro-mais-citado-no-exterior-e-o-mais-polemico-no-pais.html. Acesso em: 07 jul. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 10ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

LYRA, C. **As Quarenta horas de Angicos**: Uma experiência pioneira de educação. São Paulo: Cortez, 1996.